

*A poesia brota
do Cerrado,
lírica e telúrica,
como as flores
do ipê florescem
na Primavera*

*Amo o quê há de
ambíguo num
porto de mar, que
convida a partir e
ensina a ficar...*

Cassiano Nunes

**DF
LETRAS**

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

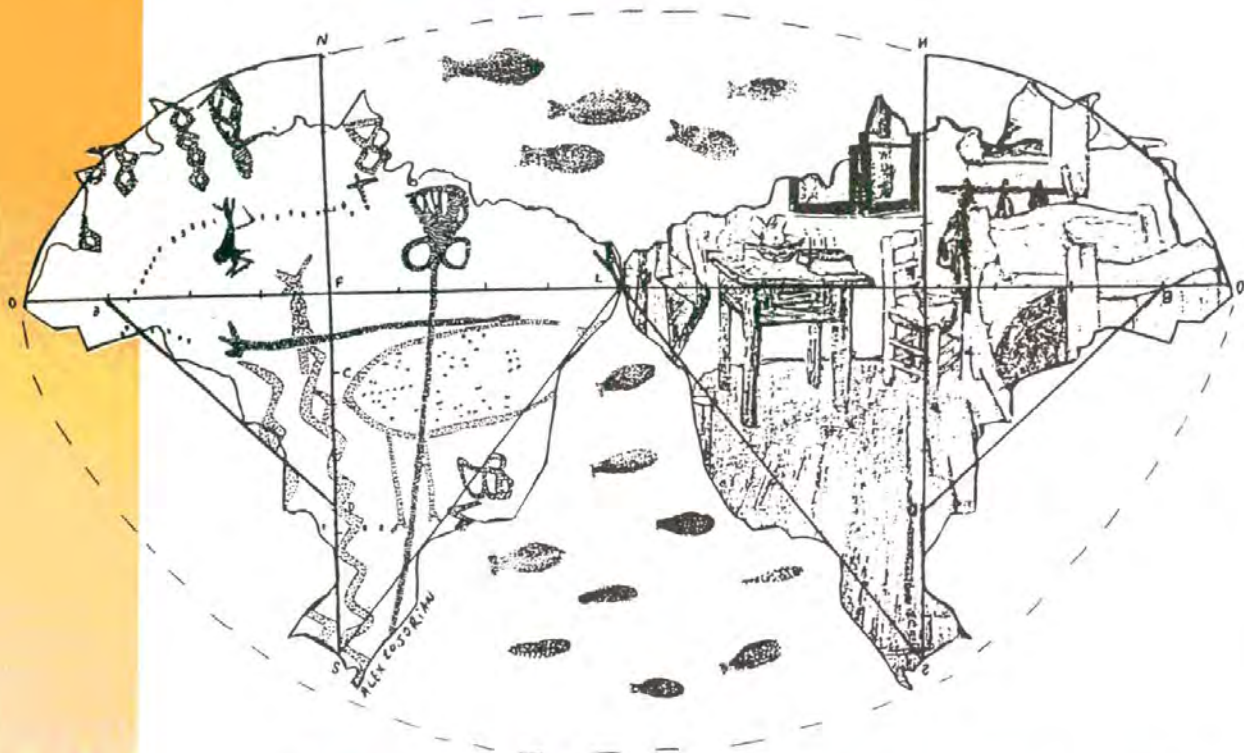
ANO IV

Nº 39/43

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956/91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA



Na procura de resultados específicos, os pintores do passado lograram encontrar muitas vezes as fórmulas de produtos químicos bem diversos daqueles pretendidos, razão pela qual deveriam trabalhar em segredo, para não despertar suspeitas, principalmente no longo período da Inquisição.

Brasil perde as divisas coloridas

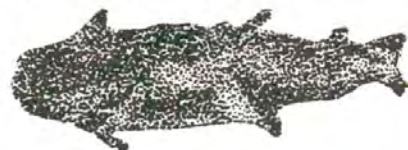
□ **Josélia Costandrade**

O Brasil poderia ser um dos maiores fabricantes de tintas se fossem realizadas pesquisas e fosse dada a devida atenção ao imenso potencial de matérias-primas que foram utilizadas desde a pré-história até a atualidade.

Os sítios arqueológicos existentes em várias regiões brasileiras atestam o grau de conhecimento dos artistas do passado, não apenas em relação ao seu poder criativo, mas também no domínio de

uma tecnologia que logrou deixar para as gerações subseqüentes o testemunho da vida, cultura e costumes, muitos dos quais remontam a mais de 25 mil anos, como é o caso das pinturas parietais da Serra da Capivara, no sul do Piauí. Os testes de "carbono 14", realizados pela Missão Franco-Brasileira, têm provado o conhecimento dos materiais que resistiram a todo tipo de intempéries, em gerações sucessivas de povoações, antes da chegada dos colonizadores portugueses ao nosso País. De um modo geral, as pinturas rupestres da pré-história, tanto as de Lascaux, na França, Altamira, na Espanha, Alvorada do Norte, a poucos quilômetros de Brasília, Sete Cidades e Serra da Capivara, no Piauí das culturas pré-colombianas brasileiras, foram executadas com pigmentos de origem mineral, animal e vegetal, tendo como aglutinantes o sangue e a gordura dos animais.

O processo que cercou a manufatura das tintas durante os séculos em que a pré-história brasileira se desenvolveu, seria, em outros países, a base sobre a qual foram sustentados os refinamentos de uma alquimia em que os metais e outros ingredientes, através de combinações altamente sofisticadas



lograram atingir seu ponto máximo. Desde a Antiguidade Clássica, os pintores possuíam suas "cozinhas", verdadeiros laboratórios alquímicos, onde as receitas das tintas eram mantidas sob absoluto segredo. Como não existisse uma indústria, cada artista deveria conhecer e desenvolver as fórmulas, herdadas dos milênios em que a História da Arte se estruturou em épocas e estilos diferenciados. Dar continuidade ao processo de refinamento de cada pigmento ou cor era uma questão de sobrevivência de cada artista em particular, que mantinha os aprendizes em seus estúdios, no intuito de iniciá-los no sofisticado procedimento de fabricação manual das tintas. Isso explica a existência de tintas com nomes de grandes mestres, como é o caso do "Bruno Van Dyck", do "Azul Rembrandt", que foram amplamente utilizadas pelos dois mestres; a primeira é uma cor perigosa, porque absorve os outros pigmentos, e a segunda, uma coloração propiciadora de esplêndidos resultados óticos.

Na procura de resultados específicos, os pintores do passado lograram encontrar muitas vezes as fórmulas de produtos químicos bem diversos daqueles pretendidos, razão pela qual deveriam trabalhar em segredo, para não despertar suspeitas infundadas sobre o motivo real de suas especulações científicas e isso mais precisamente durante o longo período da Inquisição.

Riquezas desperdiçadas

Apenas na segunda metade do século XIX surgiria a indústria de tintas, como a conhecemos atualmente; isso até auxilia no reconhecimento e na restauração de obras de arte. O Brasil, que sempre foi um produtor em potencial das matérias-primas, passou a integrar o novo circuito da fórmula revolucionária do branco de titânio, que mistura óxido de zinco a 40 por cento e



óxido de titânio, a 60 por cento. Este, que é o mais esplendoroso e brilhante de todos os brancos (de zinco, de prata e de chumbo), não está presente nas pinturas dos mestres renascentistas, nem dos posteriores, até praticamente o

advento da arte moderna.

Grandes quantidades de óxido de titânio têm sido contrabandeadas do Brasil, sem que as autoridades tomem conhecimento do fato. O

óxido de titânio faz companhia ao óxido de ferro, existente em grande quantidade em todo o Brasil; este pigmento, conhecido desde a pré-história, é a base de cores essenciais para a pintura, como o amarelo de Nápoles, amarelo ocre, as terras de Siena natural e queimada, assim como as várias tonalidades de vermelhos – do francês ao da China e de Veneza. Cada tonalidade depende fundamentalmente do grau de calcinação ao qual o pigmento é submetido.

Em termos de pigmentos vegetais, que proporcionam as tintas à base de água, como a aquarela e o guache, o Brasil, tendo a maior reserva florestal do mundo, está perdendo tempo e dinheiro, além de ficar do lado oposto das realizações culturais. Mesmo as tintas industriais pesadas, para pinturas de parede, poderiam ser fonte de renda importantes em nossa balança

comercial, se os cartéis internacionais, juntamente com o descaso dos governantes, não atuassem tão prontamente. O óleo de mamona, tradicionalmente o solvente ideal para as tintas a óleo industriais, foi importado pela Itália (do Egito) na época do fascismo, para servir como castigo aos desafetos do regime. Mamona, planta nativa do Brasil, poderia ser um produto capaz de gerar incentivos milionários, desde que transformada em latas de tintas à base de óleo.

Portinari, em seus murais na ONU, decanta "Guerra e paz" enfatizando as cores brasileiras; não temos conhecimento, no entanto, se o notável artista utilizou suas próprias misturas alquímicas naquele depoimento monumental, onde os azuis buscam encontrar o infinito, os verdes decantam as imensas extensões de nossas reservas florestais, sem

ameaças de lutas, e os vermelhos aludem à paixão de viver livremente, buscando a integração telúrica através da harmonia com a natureza. Todas aquelas tintas poderiam ter sido fabricadas no Brasil, com os ingredientes nobres existentes à flor da terra (os óxidos) e na flora (flores, folhas e talos), seguindo a longa tradição iniciada há milhares de anos, lapidada pelos séculos de estudos e observações, em ateliês de mestres iluminados e consagrados.

